
**GRANDE PERDA HUMANA E ACADÊMICA:
ACADÊMICO PROFESSOR WASHINGTON LUIZ TAFURI**

Pedro Raso¹

Dia 30 de março de 2013, 16h30m, sábado que antecedeu o dia da festa de Ressurreição de Cristo. Véspera da Páscoa. Na pacata cidade de Desterro do Melo, pescando na lagoa do seu sítio, sem dor e sem sofrimento, mantendo nos lábios o sorriso maroto, sua identidade desde moço, tendo ao lado dois peixes do tamanho de dois palmos e um terceiro peixe do mesmo tamanho já fígado debatendo-se na ponta do anzol, sem forças para tirá-lo da água pediu ajuda ao seu neto Daniel e ao Didi, filho do caseiro. Nesse momento proferiu as últimas palavras: “Daniel, estou tonto, me ajuda”. Seguiram-se dois suspiros, o susto do neto e do filho do caseiro, os gritos de acudam, acudam... E nada mais!

Sentado na cadeira, à beira do lago artificial por ele criado para dar vida aos peixes, vestido de pescador, terminou a passagem de Washington Luiz Tafuri aqui na Terra. Teve a morte que desejou: na sua terra natal, onde queria ser sepultado junto com Nico e Carminha, seus pais; no silêncio do seu sítio, onde sempre que podia se refugiava para falar com Deus e com as plantas que cultivava com as próprias mãos e com os peixes criados no lago que construía.

Segundo o pensamento chinês, ocorreu em Desterro do Melo um incêndio de grandes e graves consequências. Foi destruída totalmente a maior biblioteca local. É assim que se manifestam os chineses quando morre um sábio como o Dr. Tafuri. Cessadas as atividades cerebrais, Tafuri levou consigo um acervo gigantesco de conhecimentos, comparáveis aos contidos nas folhas de milhares de livros de uma grande biblioteca como a de Alexandria.

Tafuri, professor e cientista, binômio de humildade e sabedoria, exemplo ímpar de seriedade, desprendimento e competência, recebeu de Deus o prêmio da sabedoria para falar e ensinar, o dom de ouvir e a capacidade de enxergar, analisar e enaltecer os talentos alheios. Eterno aprendiz da vida, pesquisador perspicaz, foi um homem feliz, pois passou por esse mundo e deixou uma história (e que história!) para ser contada. Linda história de vida, de ensino e de pesquisa gravada nos pergaminhos e nas almas de seus discípulos.

1 Endereço para correspondência: Pedro Raso. Rua Piauí, 1055 –Ap. 601. Setor dos Funcionários. CEP 30150-321 Belo Horizonte, MG. (031) 32238923

Doutor em Medicina, Livre Docente, Professor Titular da UFMG, Professor Adjunto de Universidade Federal de Ouro Preto, recebeu das instituições em que trabalhou o título de Professor Emérito. À medida que branqueavam seus cabelos, mais jovem se tornava. O professor Tafuri, merecidamente, recebeu esse título, conferido ao MESTRE, AO HOMEM, AO PROFESSOR, AO PESQUISADOR que, de fato, contribuiu para o ensino e a pesquisa nas Faculdades de Medicina da UFMG, de Vitória, de Barbacena e na Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto.

A homenagem a esse sábio Professor teve um alcance especial: manteve viva a chama de pesquisador irrequieto, cujo maior prazer era ler *O Livro da Natureza*. Idealista e atento observador vibrava (e como vibrava!) após cada trabalho concluído, sempre pautado no rigor da honestidade científica. Para isso, sobravam-lhe humildade, docilidade, paciência, tolerância, vigor físico e mental, desprendimento e altruísmo.

Fazendo uma viagem no tempo, tendo como veículo a memória, gostaria de marcar algumas facetas, muitas delas desconhecidas, desse vibrante velho/jovem professor pesquisador que acaba de nos deixar.

Natural de Desterro do Melo, nascido em 4 de dezembro de 1926, dia de Santa Bárbara, filho de Antônio Tafuri e Maria do Carmo Tafuri, em homenagem ao então Presidente da República, foi chamado Washington Luiz. Atingida a idade escolar, foi alfabetizado no seu torrão natal pela querida tia Tita, Reginalda Tafuri. Aos 10 anos de idade, precisamente no dia 02 de maio de 1938, chegava a Belo Horizonte para iniciar outra etapa de sua vida. Acolhido pela segunda mãe – Isabel Tafuri Raso –, incorporou-se à nova família onde sofreu influências muito mais positivas do que negativas. Tornou-se o décimo filho de dona Isabel, alcunhada de Tia Lica. Aquele menino calmo, tranquilo, moloide, como a maioria dos gordos, foi logo apelidado de “italiano”, “ostinho”. Na sua passagem pelo Colégio Arnaldo, onde concluiu o Científico em 1945, foi um aluno exemplar. Venceu o vestibular na primeira tentativa. Ao iniciar o curso de Medicina em 1946, começou a despontar o aluno, o professor, o pesquisador. Como aluno foi monitor da cadeira de Anatomia Humana da UFMG (1948 a 1950), do Departamento de Morfologia da Faculdade de Ciências Médicas (1951) e do Departamento de Anatomia Patológica da UFMG.

Em 1951, recebeu o diploma de médico pela Faculdade de Medicina da UFMG. O ex-futuro cirurgião geral de Barbacena, nos sonhos de seu pai, ilustre médico e farmacêutico Nico Tafuri, transformou-se em professor de múltiplas matérias (Anatomia Humana, Histologia e Embriologia, Patologia Geral, Anatomia Patológica e Imunologia). Por 47 anos ininterruptos, sempre com um sorriso nos lábios, sorriso de satisfação e não de ironia, com voz calma e pausada, procurava não ensinar muito, mas ensinar bem. O que lhe interessava era a qualidade e não a quantidade. Guiado por um espírito superior e ocultando sob santa modéstia os raros predicados de sua inteligência, sempre deixou transparecer os dotes do coração, os

da afetividade, da sinceridade. Foi assim que, por onde passou, cultivou discípulos espalhados por todo o Brasil, tornando-os para sempre seus dedicados amigos.

Extremamente importante foi também sua contribuição no setor da pós-graduação. Influenciou de modo notável com seus conhecimentos e suas atitudes grande número de discípulos – hoje professores – espalhados por nossa nação. Orientou e co-orientou centenas de teses de mestrado e de doutorado. Culto e humanista, com zelo e paciência, Tafuri se immortalizou na sua obra e na linhagem de docentes e pesquisadores que formou e plasmou.

Todavia, destaque maior deve ser computado ao Tafuri pesquisador. Inflada a chama de pesquisa pelo professor Luigi Bogliolo, nosso mestre e amigo que agora reverenciamos, pouco tempo depois de formado, seguiu para dois cursos de pós-graduação: em São Paulo, com o Professor Luiz Carlos Uchoa Junqueira e depois, na Alemanha, com o Professor Willibald Schols, então diretor do Max Planck-Institut. Nesses cursos demonstrou dedicação ímpar, espírito notável de colaboração, iniciativa, talento e imaginação fértil. Graças à sua imensa habilidade manual no manuseio de animais de pequeno porte, desenvolveu uma técnica peculiar de delaminação das camadas dos intestinos. A partir dessa técnica o professor Tafuri, usando microscopia óptica, microscopia eletrônica e histoquímica, deu início à publicação de um grande número de trabalhos sobre o comportamento do plexo mientérico na doença de Chagas e em outras condições mórbidas.

Além de trabalhos em outras áreas da Patologia, a contribuição maior de Tafuri e seus colaboradores foi acerca da doença de Chagas. Suas inúmeras pesquisas no homem e em animais de experimentação, usando diferentes cepas de *Trypanosoma cruzi* (ABC, Berenice, Y, PNM, Be78), visaram, sobretudo, analisar o comportamento do plexo de Auebach no megacólon e no megaeosôfago e do sistema nervoso autônomo do coração. Contribuiu de modo decisivo para o conhecimento da patogênese, da fisiopatologia e da história natural da doença de Chagas.

Paralelamente a essas atividades, participou de 144 congressos nacionais e internacionais, na maioria das vezes como convidado para expor seus resultados e suas ideias. Foi conferencista em vários conclave, incluindo os realizados em Munich, Dusseldorf, Hamburgo, Caracas, Buenos Aires e em Angola. Fez parte de inúmeras mesas redondas, bancas examinadoras e prestou valiosa colaboração em diversos conselhos universitários ligados ao ensino e à pesquisa. Ultrapassou a marca de 200 trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais e de 12 capítulos de livros ligados ao sistema nervoso autônomo e à doença de Chagas.

O professor Tafuri foi o primeiro pesquisador bolsista do CNPq e, na atualidade, era pesquisador sênior do conselho. Como pesquisador I-A do CNPq, prestou relevantes serviços à pesquisa no Brasil.

Menção especial deve ser reservada à sua atuação como docente (1981 a 1996) e pesquisador (1981 a 2013) da disciplina de Imunologia e Imunopatologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foi ele o grande mentor do processo

de criação do Núcleo de Pesquisa em Ciências Biológicas (NUPEB) e responsável principal pela implantação das linhas de pesquisas em doença de Chagas e Leishmaniose visceral canina naquela universidade. Com os seus conhecimentos e seu elevado conceito no meio universitário, conseguiu importantes recursos financeiros que ajudaram, de modo decisivo, a alavancar as pesquisas na UFOPE.

Inquieto, dinâmico e lutador, deixou inacabado o sonho de realizar o impossível, de detectar o desconhecido e tornar realidade aquilo que é mistério, pois mistério, na expressão de Einstein, “é o mais belo sentimento experimental. É a emoção que surge no berço da verdadeira arte e da verdadeira ciência”.

Plagiando Mahatma Gandhi: “se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse o sermão da montanha, nada estaria perdido”; se acaso se perdessem todas as publicações sobre a doença de Chagas e só se salvassem os trabalhos do Professor Tafuri, nada estaria perdido. Discípulo dileto do professor Bogliolo (mestre de sucessivas gerações de médicos, maior exemplo de dedicação aos ideais de ensino e pesquisa sempre lembrado por sua competência profissional, moral e científica), recebeu dele toda a herança que fez escola. Digno dessa herança, Tafuri se sobrepôs aos parâmetros de uma vida comum. Como Bogliolo, encontrou no amor à natureza a suprema felicidade. Usou suas mãos e sua inteligência para o cultivo da terra como modo de fuga e liberação do cotidiano.

Outra faceta marcante do professor Tafuri foi sua capacidade de liderança. Um líder não surge por geração espontânea. É como uma semente colocada em terra fértil que precisa de sabedoria para germinar, crescer, florir, frutificar. Este homem simples parecia ter o corpo imantado, pois atraía os jovens à procura de sabedoria e orientação.

Sua contribuição para a Medicina pode ser medida pelo grande número de homenagens e de condecorações recebidas no Brasil e no exterior. A excelência de seu trabalho levou-o à conquista de numerosas láureas e distinções ao longo de sua vida.

Acadêmico titular da Cadeira 46 da Academia Mineira de Medicina, da qual é patrono José Aroeira Neves, contribuiu de modo notável para o engrandecimento desta instituição, também foi membro da Sociedade Brasileira de Patologia.

Como membro da equipe de Patologia do professor Bogliolo, espalhou seus conhecimentos nas escolas de Medicina emergentes: Uberaba, Uberlândia, Barbacena, Itajubá, Vitória, Montes Claros, onde muitas vezes foi premiado e escolhido pelos alunos como homenageado especial.

Na companhia de Conceição, sua amada esposa por 58 anos, construiu uma família segundo os princípios cristãos, com a qual viveu não somente os momentos de alegria, mas também os de angústia, tensão e tristeza que o transformaram em uma fortaleza, um verdadeiro Jequitibá, capaz de resistir aos reveses impostos pela vida. Todas as adversidades foram enfrentadas com uma força sobrenatural.

Ficaria bem na lápide do grande professor o que está escrito no busto de Cícero Ferreira, nos jardins da Faculdade de Medicina da UFMG, por onde transitou milhares de vezes: “Foi bom, foi justo, foi realizador”.

Tafuri, amigo de todas as horas, descanse em paz!